



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-eixo: Ênfase em Trabalho profissional.

A POTÊNCIA DO TRABALHO EM GRUPO: A EXPERIÊNCIA DO CRAS CENTRO LOUVEIRA (SP)

Aline Lopes Leitão¹
Ludimira Martins Silva²

Resumo: O presente texto se propõe a partilhar as experiências de trabalho com grupos que temos experimentado no município de Louveira/SP. Para tanto registramos aqui a metodologia quanto a intencionalidade do trabalho, como e com quais objetivos temos pensado e organizado as ações com grupos, as intervenções coletivas, bem como os desafios cotidianos para a sustentação dessas ações, diante de um cenário municipal estadual e nacional de aceleração e intensificação do desmonte das políticas sociais públicas, em especial da Assistência Social, bem como das ações de caráter coletivo.

Palavras-chave: Grupo, Trabalho com famílias, Assistência Social, CRAS, Louveira.

Abstract: The present text proposes to share the experiences of work with groups that we have experimented in the municipality of Louveira / SP. In order to do so, we record here the methodology as to the intentionality of the work, how and with what objectives we have thought and organized the actions with groups, the collective interventions, as well as the daily challenges to the sustentation of these actions, before a state and national municipal scenario of acceleration and intensification of the dismantling of public social policies, especially Social Assistance, as well as collective actions.

Palavras-chave: Groups, WorkWithFamilies, Social Assistance, CRAS, Louveira.

Conhecendo brevemente a cidade

O município de Louveira – SP está situado a cerca de 70 km da capital paulistana e faz parte do chamado Circuito das Frutas, junto com seus municípios limítrofes Jundiaí, Vinhedo, Itatiba e Itupeva. A cidade tem características muito peculiares, como estar entre as primeiras cidades do país em renda per capita e ter conquistado a liderança nos últimos dois anos do índice Firjan³, entretanto encontramos uma quantidade considerável de usuários que se utilizam dos recursos da Assistência Social, em especial do benefício da cesta-básica, já que, encontramos famílias com renda insuficiente para a sua sobrevivência, mas não no patamar da miserabilidade ou pobreza considerada pelos programas de transferência de renda estaduais e federais.

¹ Profissional de Serviço Social. Centro de Referência de Assistência Social. E-mail: <alinesocial@hotmail.com>.

² Profissional de Serviço Social. Centro de Referência de Assistência Social. E-mail: <alinesocial@hotmail.com>.

³ Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal é um estudo anual criado para acompanhar o desenvolvimento humano, econômico e social dos municípios do Brasil. Três indicadores são avaliados: emprego & renda, educação e saúde. O resultado da avaliação é capaz de retratar o nível de desenvolvimento de cada cidade e, assim dar uma ideia sobre a qualidade de vida de seus cidadãos.

Louveira é uma cidade pequena em extensão territorial, possui apenas 55mil quilômetros quadrados, porém, por ser um importante polo logístico do país, diariamente cresce em quantidade populacional. De maneira inacreditável a cidade não possui rodoviária, mas, sofre muito com o processo migratório. Segundo o IBGE, entre os anos de 2010 e 2018 o aumento populacional na cidade foi de mais de 10 mil habitantes. E a grande busca dessas pessoas que chegam quase sempre migrantes da região nordeste do país, é por emprego e melhores condições de vida. Atualmente a cidade possui 47.748 habitantes.⁴

Tantos habitantes em uma cidade de pouca extensão territorial incorrem em grandes questões habitacionais. Percebemos claramente em nosso cotidiano profissional o grande desafio em lidar com a ausência de uma política habitacional eficaz e que dê respostas às demandas dos cidadãos. E quando uma política se ausenta, quase sempre é a Assistência Social que se relega a responsabilidade em dar alguma resposta para os cidadãos (e porque não dizer “dar algum alento”).

Louveira não exerce nenhuma restrição á migração que acontece no município. Pouco se percebe fiscalização da prefeitura nas obras de residências particulares e, com isso, diariamente vemos crescer cortiços e submoradias na cidade. Soma-se ainda neste cenário a especulação imobiliária gritante. Dificilmente encontramos um cômodo com banheiro para alugar por menos de R\$500,00, mesmo em áreas mais afastadas e, na zona rural da cidade, onde o suporte do transporte público acontece apenas três vezes ao dia.

Dentro dos serviços da Assistência Social sempre foi um grande desafio para os profissionais oferecer respostas concretas para esta população que, muitas vezes, chegam sem nenhum suporte ou renda e buscam a Assistência esperando respostas concretas para suas demandas.

No Centro de Referência de Assistência Social Centro, onde atualmente atuamos, passamos por diversas situações e posturas em relação à oferta e concessão dos benefícios, o fato é que, historicamente, percebemos que as famílias utilizam o recurso da cesta-básica devido à ausência de outras respostas. Então, a família busca mensalmente a alimentação no CRAS, assim ela pode economizar este valor do seu salário para compor o pagamento do aluguel, por exemplo.

Nos últimos seis ou sete anos Louveira foi sendo moldada da mesma maneira que o nosso atual cenário nacional. Houve retrocesso na Política de Assistência Social, perdemos profissionais efetivos, diminuimos a quantidade de serviços ofertados e, com isso, nossas possibilidades de garantia de atendimento. Essas perdas foram significativas, sentidas pelos profissionais e pelas famílias atendidas.

⁴IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico*

O CRAS hoje basicamente trabalha com a gestão de benefícios (programas de transferência de renda) e concessão de benefícios municipais (cesta-básica e foto 3X4). Apesar de termos avançado com a oferta dos grupos e termos conseguido trabalhar através de temáticas direcionadas para o perfil da população atendida, ainda encontramos muita dificuldade no que se refere ao desenvolvimento do plano de acompanhamento familiar bem como da consolidação efetiva da perspectiva de prevenção que se coloca à Proteção Social Básica.

Temos realizado algumas discussões internas sobre o plano de acompanhamento familiar, como desenvolver, o que pactuar ou propor para a família, bem como, quais outras temáticas, grupos ou ações podemos desenvolver, mas quase sempre nos deparamos com o desafio de como trabalhar com a população que está na Assistência Social por causa da ausência de outras políticas públicas. O que é possível pensar em ofertar para as famílias que buscam o CRAS pela ausência de habitação, de saúde, por causa do subemprego ou da renda insuficiente. Este tem sido o nosso calcanhar de Aquiles. Nesse sentido, a percepção é que mesmo para o alcance da emancipação política, estamos muito defasados. O que nos parece é que o sistema não oferece sequer os anteparos mínimos e suficientes para a reprodução da vida social.

No bojo dessa percepção estrutural, ainda deparamos com posicionamentos que não estão apagados do serviço social, leituras conservadoras da realidade permanecem. Como por exemplo, podemos citar que para alguns profissionais é claro o caráter educativo e informativo do CRAS, para outros ainda impera a certeza de uma ação investigativa em busca da certeza de que o usuário não está “burlando as regras” para se beneficiar de um programa de transferência de renda. Apesar de a atual conjuntura soprar os ventos individualistas, temos tentado centrar forças na oferta de ações que promovam processos coletivos, entendendo o CRAS como um espaço de formação e de fortalecimento das famílias e comunidade. Nós, continuamos acreditando que a informação liberta, a educação liberta, que os movimentos coletivos é um dos melhores caminhos para o crescimento pessoal, para o fortalecimento do sujeito, para a busca e garantia de direitos. E assim, continuamos resistindo, diariamente⁵.

CRAS Centro: Exercício e contradições

⁵Sabemos bem que as afirmações trazidas por nós neste parágrafo dariam margem para um novo artigo, entretanto esta não é a intenção. Não nos coube nesse espaço discutir postura profissional ou questões éticas, por exemplo, apenas desejamos partilhar um pouco da nossa experiência cotidiana. Acreditamos que esta reflexão é importante, por demonstrar o desafio da nossa atuação profissional frente as ações com grupos, objeto deste ensaio.

O Centro de Referência de Assistência Social – CRAS Centro da cidade de Louveira fica localizado na região central da cidade e atende uma grande faixa de extensão territorial do município, incluindo área urbana e rural.

Basicamente o CRAS trabalha como já citado, com a oferta de benefícios municipais e com a gestão dos programas de transferência de renda estadual e federal. A equipe do cadastro único faz o cadastramento das famílias no espaço físico do CRAS, porém nossa ação direta com as famílias se dá a partir do momento em que elas são incluídas nos programas.

O único serviço tipificado disponível no CRAS Centro é o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família – PAIF. A maior demanda deste serviço se refere às famílias que acessam o recurso da cesta-básica.

Para fortalecer a concepção de território, os atendimentos sociais para concessão de recursos e os grupos acontecem de maneira descentralizadas. Ao todo são 3 pontos de atendimento descentralizados onde as ações do CRAS Centro acontecem, um na área mais afastada da cidade, em um bairro chamado Monterrey, outro no bairro Vassoural, um loteamento popular municipal afastado e sem nenhuma unidade de serviço público no local, e no Centro Comunitário do bairro 21 de Março.

O trabalho social com famílias no âmbito do PAIF deve contribuir para a convivência, reconhecimento de direitos e possibilidades de intervenção na vida social de um conjunto de pessoas, unidas por laços consanguíneos, afetivos e/ou de solidariedade, conforme a cartilha do PAIF⁶.

Ainda olhando para o mesmo referencial teórico, as ações desenvolvidas pelo CRAS devem ter caráter preventivo, protetivo e proativo, reconhecendo as famílias e seus membros como sujeitos de direitos e tendo como foco as potencialidades e vulnerabilidades presentes no seu território de vivência.

Diante deste norte, as ações coletivas do CRAS Centro foram pensadas a partir de duas vertentes: perfil e território. Todos os grupos acontecem mensalmente e a família tem a opção de escolher qual se interessa em participar, ressalvadas as especificidades de cada um.

Sobre o Trabalho com os Grupos

⁶BRASIL, Orientações Técnicas sobre PAIF - Trabalho Social com Famílias do Serviço de Proteção e atendimento Integral à Família – PAIF, v. 2, 2012 p. 10.

O trabalho social com famílias no âmbito do PAIF deve contribuir para a convivência, reconhecimento de direitos e possibilidades de intervenção na vida social de um conjunto de pessoas, unidas por laços consanguíneos, afetivos e/ou de solidariedade.⁷

Ainda olhando para o mesmo referencial teórico, as ações desenvolvidas pelo CRAS devem ter caráter preventivo, protetivo e proativo, reconhecendo as famílias e seus membros como sujeitos de direitos e tendo como foco as potencialidades e vulnerabilidades presentes no seu território de vivência.

Diante deste norte, as ações coletivas do CRAS Centro foram pensadas a partir de duas vertentes: perfil e território. Todos os grupos acontecem mensalmente e a família tem a opção de escolher qual se interessa em participar, ressalvadas as especificidades de cada um.

Grupo Primeiríssima Infância

A Primeira infância é definida do nascimento até os seis anos de vida da criança. É neste período em que as descobertas, as experiências e os afetos são tão importantes que determinam o que a criança levará para o reto de sua vida. Daí a importância de cuidarmos dessa fase da vida, pois uma primeira infância vivida com amor, cuidados e estímulos traça o caminho para que a criança descubra e aproveite todo o seu potencial e, com isso, proporciona que ela cresça e seja um adulto mais saudável e equilibrado.⁸

Quando falamos sobre crianças quase sempre nos vem á mente uma figura na qual depositamos as responsabilidades e expectativas sobre a criação e desenvolvimento desses pequenos seres humanos: a mãe. Não é difícil associarmos fracassos ou sucessos á essas figuras, reproduzindo frases bem conhecidas como “ser mãe é padecer no paraíso” ou “a mulher já nasce mãe”, mas nem sempre acontece assim.

A maternidade é temática bastante idealizada socialmente e bastante polêmica em seus diferentes sentidos. Podemos afirmar que um desses sentidos, revela que a maternidade é uma condição fisiológica que cabe exclusivamente às mulheres. Diz respeito á condição de ser mãe, é o laço de parentesco que une mãe e filho. Ser mãe é condição física e nem sempre optativa, entretanto, existe uma outra condição que é sim uma escolha: a maternagem.

A maternagem é o acolhimento dado ao bebê, é cuidado afetuoso, dedicado, carinhoso e maternal. É cuidar, dedicar-se por amor. Embora as duas palavras derivem da mesma raiz,

⁷ Cf. BRASIL. Orientações Técnicas sobre PAIF - Trabalho Social com Famílias do Serviço de Proteção e atendimento Integral à Família – PAIF, v. 2, 2012 p. 10.

⁸ O Município de Louveira aderiu ao programa Primeiríssima Infância junto com os municípios da região administrativa de Jundiaí em parceria com o Instituto Maria Cecilia Souto Vidigal, por isso esta temática surgiu como pauta de ação do CRAS.

não significa em absoluto que toda mãe é maternal. A maternagem é um grande desafio, em especial para as mães de primeira viagem, para aquelas que muitas vezes não planejam a gestação, também para aquelas que não tiveram os cuidados necessários na sua própria infância ou nunca tiveram o desejo real de se tornarem mãe.

Pensando nos desafios trazidos pela maternidade e nos desafios próprios do desenvolvimento da primeira infância propomos a realização do grupo “Primeira Infância”, como espaço de troca, partilha, orientação e cuidado para mães e seus filhos. Outros aspectos considerados requerem à observação de que a maternidade trata-se, sim, de escolha humana e afetiva, porém, também se relaciona com o lugar de classe social e gênero, reverberando nas condições objetivas de vida e cuidado dessa família. Outro aspecto tem a ver com a sobrecarga feminina no desempenho dos cuidados da criança por ser mãe, isentando a divisão do cuidado e das tarefas como se o todo do desenvolvimento da criança fosse responsabilidade única das mães.

O grupo é composto por mulheres gestantes ou com crianças em idade classificada como primeira infância e que estejam em atendimento ou acompanhamento pelo Serviço de Atendimento Integral às Famílias – PAIF.

Metodologia: Grupo aberto com realização de encontros mensais a serem realizados no centro comunitário 21 de Março. A proposta é que as temáticas sejam sugeridas pelas próprias participantes e a condução acontecerá na modalidade “roda de conversa”, fazendo discussões e troca de experiências sobre as temáticas desenvolvidas. Também utilizaremos de outros recursos para que os encontros possam ser lúdicos e favoreçam a integração entre mães e filhos, como vídeos/cinema, vivências, atividades externas, entre outros.

Grupo de Mulheres

Sem a pretensão de discorrer sobre o assunto, pois acreditamos que essa afirmação vale uma tese específica sobre ela, mas a Assistência Social é um universo majoritariamente feminino.

A busca por serviços e programas de apoio a família quase sempre ficam sob a responsabilidade das mulheres. A própria Política Nacional de Assistência Social ao indicar as mulheres para serem as representantes familiares ou responsáveis pelo recebimento dos

benefícios de transferência de renda, por exemplo, valida a presença maciça dessas personagens nos serviços.

No atendimento cotidiano das famílias que buscam o CRAS Centro percebemos uma grande quantidade de mulheres que chefiam suas famílias, contando ou não com a presença de companheiro na sua jornada. Não é incomum encontrarmos mulheres que organizam suas vidas de forma autônoma, porém, quando se olha para o seu universo pessoal, vive situações de conflitos com os companheiros, vivem relacionamentos abusivos, também existe a presença de conflitos com outros homens da composição familiar, como pai ou irmão.

Olhando para as demandas apresentadas por essas mulheres cotidianamente, muitos questionamentos surgem: O que faz com que mulheres tão autônomas estejam inseridas em relacionamentos não saudáveis? Por que esta mulher, que muitas vezes sabe onde procurar ajuda não se posiciona? Será que realmente a informação está disponível para elas?

Aqui cabe um destaque do perfil do público atendido pelo CRAS Centro, conforme já apresentado acima. Falamos de mulheres migrantes, a grande maioria advinda da região nordeste do país. E isso nos faz pensar a importância da questão cultural. Já tivemos diversas experiências de grupos, mas percebemos que, sempre tivemos ações informativas com essas mulheres, as munimos da maior quantidade possível de informação sobre tipos de violências e aonde buscar ajuda, por exemplo, mas nunca paramos para refletir com elas o que é ser mulher. O que significa ser mulher. Para elas, para cada uma, o que é ser mulher.

A partir da pergunta chave: O que é ser mulher? Pensamos em refletir com elas este universo feminino, tão conhecido e desconhecido ao mesmo tempo. Dessa maneira, este grupo se propõe a trabalhar o universo feminino. Trata-se da oferta de um espaço de partilha aonde elas possam falar sobre as dificuldades e maravilhas de ser mulher, suas batalhas diárias, seus enfrentamentos e vitórias.

Propusemos o estabelecimento de um espaço aonde elas possam pensar e dividir os desafios sobre ser mulher, a maravilha sobre o universo feminino, as dificuldades advindas (ou não) do “ser mulher” e, a partir da percepção, vivência e trajetória de cada uma, construir um saber coletivo em torno das questões de gênero. A relevância desse trabalho reside no posicionamento de que não podemos nos furtar da responsabilidade de denunciarmos e desconstruirmos a realidade social patriarcal, machista e misógina que vivemos. Aos poucos, vamos refletindo com esses sujeitos femininos e históricos a possível e árdua construção de um lugar social não subjugado e comparado ao homem.

Metodologia: Grupo aberto com realização de encontros mensais, porém somente mulheres podem participar. A proposta é que as temáticas sejam sempre em trono do universo feminino e, preferencialmente, sugeridas por elas. A ideia é que este também seja um espaço informativo sobre os seus direitos e como acessá-los.

Grupos de Território

O território é o lugar onde pulsa o cotidiano vivido por um coletivo, conforme afirma Milton Santos⁹. Portanto a comunidade refere-se a um coletivo de pessoas que produzem relações no seu cotidiano vivido. A relação entre família e território se dá no sentido de pertença dentro do território/comunidade que é condição para o sentido social.

Pensando nesta perspectiva, bem como na necessidade de intervenções com foco nas potencialidades e vulnerabilidades presentes nos territórios de abrangência do CRAS, conforme preconizado pela Política Nacional de Assistência Social, este grupo está planejado em cima de três eixos temáticos, a saber: habitabilidade, trabalho e renda, solidariedade vicinal.

A proposta é que os moradores de determinado bairro ou região possa encontrar neste grupo um espaço para falar sobre o que acontece no seu bairro, pontos positivos e pontos a serem melhorados e de que maneira a comunidade pode se orientar em busca de objetivos comuns. Trabalha-se na perspectiva de fortalecer os vínculos comunitários e identificação de demandas coletivas a serem trabalhadas junto ao poder público, sendo este um grupo informativo e de trocas.

Metodologia: Grupo aberto com realização de encontros mensais. A proposta é que este seja um espaço para que os participantes possam conhecer o território onde residem, seus ativos e recursos.

Considerações

A assistência social é uma das políticas que compõem a proteção social dos sujeitos da classe trabalhadora, até aqui se enquadra no tripé da Seguridade Social prevista na Constituição Cidadã, de 1988. Muito se modificou no contexto histórico desde então. Seja na perspectiva das tentativas do capital de ampliar seu lucro – através da globalização, do neoliberalismo e da financeirização; seja, por outro lado, nos movimentos de resistência dos trabalhadores do SUAS, que apesar das dificuldades postas pelo real e leitura crítica do contexto histórico, procuraram permanecer no exercício profissional coeso. Em especial, as assistentes sociais comprometidos com o projeto ético político da profissão, conhecedores

⁹CARVALHO, 2016 apud GALEANO, 2016, p.22.

que essa profissão assume posição ao lado da classe trabalhadora e consciente de que a ela pertence, procura na instrumentalidade – sua metodologia e intencionalidade, no cotidiano, fortalecer sujeitos históricos e coletivos.

Apesar dos desmontes que encontramos em todos os cenários atuais em relação a política de Assistência Social, os profissionais do CRAS Centro têm refletido e buscado através de intervenções técnicas, resistir e encontrar estratégia de atendimento e acompanhamentos aos usuários. É neste cenário que os grupos citados têm sido utilizados.

Pensar o trabalho do CRAS Centro diante das ausências de políticas públicas que tanto afetam os usuários e assim o trabalho do próprio CRAS é o desafio maior da equipe. Como trabalhar as questões subjetivas pertinentes à política de Assistência Social e ao território, sendo que as famílias por vezes estão necessitando de benefícios concretos, como a cesta básica e moradia?

O trabalho em grupo, em nossa avaliação, tem fortalecido os usuários, no que diz respeito a coletivizar demandas e assim fortalecê-los enquanto um grupo, buscando assim mais instrumentos para buscar a efetivação de direitos, mesmo quando a necessidade diz respeito a um serviço, fora da Assistência Social.

Outro ganho percebido através das ações de grupos é a existência de espaços de troca e de escuta. A população da Assistência muitas vezes não passa somente por privações de renda ou de acesso a serviços, muitas vezes ela se quer é ouvida em suas demandas e necessidades, mesmo dentro de suas casas. Frequentar espaços aonde sua voz pode ser ouvida é algo que muitos usuários nunca experimentaram e, permitir sua fala e sua livre expressão é a máxima do respeito pelo outro. Além disso, é canal de valorização e de construção de autonomia, diretriz de trabalho da Política de Assistência Social.

Cabe ressaltar que este trabalho expressa algumas ações cotidianas no campo da assistência social, de duas assistentes sociais que, insistem em não desviar os olhos do comprometimento real do exercício profissional com a população, ainda que, em um contexto de regressos explícitos sociais, políticos e econômicos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Política Nacional da Assistência Social (PNAS). Norma Operacional Básica (NOB/Suas)**, Brasília, DF: nov. 2005.

Disponível em:

<https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf>. Acesso em: 21. junho. 2019.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Sistema Único de Assistência Social. **Orientações Técnicas sobre PAIF - O Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família - PAIF, segundo a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. 1ª edição, v.1, Brasília, DF: 2012.

Disponível em:

<http://agendaprimeirainfancia.org.br/arquivos/Orientacoes_PAIF_1.pdf>. Acesso em: 21. junho. 2019

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Sistema Único de Assistência Social. **Orientações Técnicas sobre PAIF - Trabalho Social com Famílias do Serviço de Proteção e atendimento Integral à Família – PAIF**. 1ª edição, v.2, Brasília, DF: 2012.

Disponível em:

<http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/Orientacoes_PAIF_2.pdf> Acesso em: 21. junho. 2019

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. **Concepção de convivência e fortalecimento de vínculos** – MDS, Secretaria Nacional de Assistência Social- Brasília, DF:2017. Disponível em:

<http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/concepcao_fortalecimento_vinculos.pdf> Acesso em 21 de junho de 2019.

GALEANO, Paula.et al. **Guia para desenvolvimento de reuniões socioeducativas**. v1. Fundação Tide Setubal – São Paulo, SP: 2016

GALEANO, Paula.et al. **Guia para desenvolvimento de reuniões socioeducativas**.v2. Fundação Tide Setubal – São Paulo, SP: 2016

GALEANO, Paula.et al. **Famílias e conexões territoriais: Uma experiência no enfrentamento das desigualdades na zona leste de São Paulo**. Fundação Tide Setubal – São Paulo, SP: 2016.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/louveira/panorama>> Acesso em 10 de junho de 2019.

SIQUEIRA. Mônica Maria Nunes da Trindade. Famílias: Uma experiência de trabalho com grupo. **Revista Ciências Humanas** – Universidade de Taubaté (UNITAU) – BRASIL – Vol. 1, n. 2, 2008.